

RELATO DE EXPERIÊNCIAS DE PESSOAS TRANS NO CURSO DE ARTES CÊNICAS – UFGD

Camile Cecília dos ANJOS (UFGD – Dourados)¹

Eixo 8 – Relato de Experiência

RESUMO: O presente artigo é fruto de uma inquietação que surgiu durante o período em que fiz parte do corpo docente do curso de Artes Cênicas da UFGD (Dourados – MS). Ao ministrar o componente curricular Encenação II, que consiste basicamente em montar um espetáculo teatral com todes² alunes de uma determinada turma, me deparei com questões de gênero que se faziam urgentes na vida de muitos estudantes, algumas/alguns com quem me relatei diretamente, outras que vim a conhecer posteriormente. Desde então entendo que se faz necessário que as/os estudantes sejam escutades e que as/os docentes, técnicos e a instituição, reflitam formas de acolher essas pessoas. Para tal, proponho este formato de trabalho, que pretende dar visibilidade a estudantes transgêneres³ do curso de Artes Cênicas da UFGD com o intuito de registrar parte de suas experiências no universo acadêmico. Focou-se em três estudantes que fizeram, ou estão fazendo, a afirmação de sua identidade de gênero após o ingresso no curso. Trata-se de relatos de suas vivências acadêmicas, entendendo que é de suma importância cada vez mais termos arquivos de vozes trans não-homogeneizadas, abordadas em suas individualidades, particularidades e necessidades pessoais. Através de uma abordagem epistemológica feminista, esse estudo não pretende quantificar, criar estatísticas ou base de dados, mas sim abrir caminho para uma perspectiva sexualizada na produção de conhecimento, entendendo que a representatividade de discurso é essencial para os estudos de gênero.

PALAVRAS CHAVE: Transgeneralidade. Travesti. Artes Cênicas. Docência

¹ camileanjos@gmail.com (UFGD).

² Foi adotada uma forma de escrita neutra, não privilegiando uma leitura masculina ou feminina do trabalho, entretanto, quando a referência for às pessoas que deram os relatos utilizar-se-á a forma feminina, mesmo havendo um homem trans entre elas, já ele ainda não alterou seu nome social.

³ Transgênera: pessoa que se identifica com gênero diferente de seu sexo biológico.
Cisgênera: pessoa que se identifica com gênero igual ao seu sexo biológico.

RELATO DE EXPERIÊNCIAS DE PESSOAS TRANS NO CURSO DE ARTES CÊNICAS – UFGD

O presente trabalho objetiva visibilizar, através de breves relatos, experiências de pessoas transgêneres do curso de Artes Cênicas da UFGD. Os relatos são edições de entrevistas concedidas pelas estudantes, que foram convidadas a falar a respeito de suas experiências acadêmicas, relacionada às suas transexualidades. Trata-se de estudantes que passaram pelo curso, formadas ou não, que afirmaram ou estão em processo de afirmação de suas identidades de gênero após sua entrada no mundo acadêmico. Propositamente, foi mantida a forma oral, coloquial dos depoimentos, procurando respeitar singularidades, entretanto, por uma questão de adequação ao tamanho permitido por esse estudo, edições foram realizadas. Todas puderam ler o texto previamente e indicar alterações que consideraram necessárias.

ESTUDANTE 1

Aconteceu em 18 de Julho de 2019, no Jatobá Café, em Dourados entre às 15h às 16h. Tem 20 anos e está cursando o 2º ano de Artes Cênicas da UFGD. Identifica-se com o gênero masculino, porém, por questões familiares ainda não adotou o nome social e pediu que sua identidade ficasse anônima.

Falar sobre trans dentro da universidade é um assunto, que eu imagino, que seja bem novo, porque se você for ver a porcentagem de pessoas trans no país que têm ensino superior e etc., é ridícula. A média de vida de uma pessoa trans hoje no país é 35 anos⁴. É ridículo! Então têm poucas vozes para serem ouvidas.

Dentro do curso eu não encontro muita dificuldade justamente por ser um curso de humanas, as pessoas tendem a ter uma visão mais ampla, a não te pré-julgar de longe, e acolher. Têm alguns professores que eu não me

⁴ Informação confirmada no site oficial do Senado <https://www12.senado.leg.br> edição 598 e também pelo ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais).

sentia confortável, que em certas aulas práticas ele me colocava numa posição, tipo: “Não, você não é isso! Você fica aí. Você não é isso.” Que... me deixava bem desconfortável. Os professores das artes, pelo menos tendem a ter mais essa delicadeza em perguntar: “Poxa, qual que você quer? Qual que você tá mais confortável?”.

Eu só sinto que, pessoalmente pra mim, uma problemática nas aulas que envolvem corpo, porque como eu ainda não comecei o processo, não tô bem definida, tem dias que eu me levanto e eu quero cortar minha cabeça e jogar meu corpo no lixo, e daí principalmente na sala de corpo que a gente tem que andar e, você se olha ali no espelho, daí dá uma quebrada, e daí vamos fazer um novo exercício e eu já não consigo andar bem, porque meu corpo não tá bem, porque parece que não é meu corpo, eu não consigo dominá-lo.

Antes de fazer Artes Cênicas eu fiz outro curso na UFGD, vim fazer Sistemas de Informação, e são dois universos bem diferentes, eu percebo uma coisa que eu considero que, dá pra ver como nossa sociedade é escancaradamente machista, eu tenho privilégios, eu considero que tenho privilégios por estar me tornando trans homem e não uma trans mulher. Isso não só no curso, isso dá prá ver nos lugares que eu frequento, eu não sofro tanta transfobia ou homofobia, porque eu me comporto dessa forma masculina, é como se eu ganhasse o respeito deles, para entrar nessa tribo de homens machões: big dicks! É como se eu estivesse evoluindo assim... muito escroto pensar nisso. É, tipo assim, agora você faz parte desse mundo então venha fazer piadas machistas conosco.

Eu gosto quando estou em algum espaço e eu vejo outra pessoa trans, porque eu tenho aquele pensamento horrível de... se aparecer um eleitor de “você sabem quem”, para atirar nas pessoas, pelo menos somos dois.

(...) Maioria dos professores homens⁵, a maioria com frases incômodas, pra mim... “Poxa, estaria tendo uma aula melhor agora se o senhor não tivesse falado de viadinhos”.

⁵ Referindo-se ao curso de Sistemas de Informação.

Nunca aconteceu comigo de alguém me agredir verbalmente, fisicamente. É só olhares assim mesmo, mas isso eu relevo, nem considero violência, não considero nada, só tipo “ah!”.

Eu evito usar o banheiro masculino. Eu percebo que quando eu entro no feminino, eu recebo alguns olhares, mas é tipo de uma menina, que ela olha assim... e ela continua lavando a mão dela, fazendo o que ela quiser. Quando eu entro no banheiro masculino, o cara olha e fica, “porque você agora é um homem, mas calma aí, porque é o banheiro”. E eu tenho um certo receio de algum dia, acontecer algo de pior comigo. Então eu... dentro da universidade, uso o banheiro feminino e no NAC⁶ eu achei muito interessante que colocaram uma plaquinha “use aquele que você se sentir mais confortável”, e eu achei isso bem legal. Bem bacana que, embora seja um detalhezinho simbólico, é uma coisa assim... “Nossa! Que legal! Usar o que eu estiver mais confortável”.

A universidade não dificultou, mas ela também não facilitou em nada. As coisas melhoraram quando eu entrei em Artes Cênicas que, pessoas diferentes, professores diferentes... Isso facilitou bastante a minha vida, mas foi por causa que eu mudei para Cênicas.

Já teve dias de ajudar e piorar. Mas eu sinto que, numa visão geral, me ajudou⁸. Particularmente. Porque... ao mesmo tempo em que eu andava pela sala de corpo, com aqueles espelhos, me via e ficava “Nossa, que bela bosta.” Tinham dias que eu olhava essa bela bosta que eu considerava meu corpo e falava “vou me ajeitar”. Daí eu parava, tentava me modificar um pouco, de uma forma que eu sentia mais confortável, isso foi me ajudando ao longo das aulas. A consciência corporal me auxiliou bastante. nessa parte de “Agora você levanta! Você não gosta do seu corpo então muda isso aí pra você ficar melhorzinha, vai. Levanta essa bunda da cama e vai viver!” Como se fosse um chute na minha bunda. Mas nas aulas de atuação, quando tinha

⁶ Núcleo de Artes Cênicas.

⁷ A placa dos banheiros do Núcleo de Artes Cênicas, elaborada pelos Técnicos Rodrigo Bento e Vinnie Oliveira diz “Me identifico com...” e ao lado o símbolo masculino em um e feminino no outro.

⁸ Refere-se aos componentes curriculares práticos do curso de Artes Cênicas.

que fazer aquelas provinhas ou ceninhas, eu sempre percebi que, tantos os professores quanto os meus colegas, a gente se reunia de uma forma orgânica quase, em que eu sempre era o papel masculino. Isso me fazia muito feliz inclusive. Não que realizar um papel feminino seja um problema pra mim, mas... dependendo do meu dia, justamente por eu estar nessa transição... é um pouco mais... problemático.... são pequenos detalhes que fazem a diferença na nossa vida, que a gente se sente mais abraçadinho assim... delícia.

Um outro ponto que me barra um pouquinho na transição, é justamente a falta de emprego para pessoas trans. Eu quero seguir para a área da licenciatura, e vira e mexe eu fico pensando “poxa, será que algum diretor vai contratar um homem trans? Será que ser for uma mulher masculinizada seria menos pior ou mais?” na questão de emprego.

Eu gostaria que o núcleo de diversidade da UFGD tivesse uma visibilidade maior, porque particularmente eu nem sei o que o núcleo NEDGS⁹ faz. Eu não sei se é, caso você sofra algum tipo de agressão dentro da universidade, não sei se é pra ir lá tomar um café e ficar falando mal do governo, eu não sei.

Gostaria que tivesse uma visibilidade maior pra essas pessoas, pra elas se sentirem mais acolhidas. E no dia do orgulho LGBT a UFGD postou no Facebook dela uma imagem assim “feliz dia do orgulho LGBT”. Tá, obrigado, agradecida, tô muito feliz. Por que não fizeram durante o mês, tipo, não vi nada... não precisa pintar toda a universidade toda colorida, colocar bandeiras assim “tanque de guerra rosa” mas não sei, fazer alguma coisinha, alguma coisa no Centro de Convivência, alguma exposição, alguma coisa pra nós nos sentirmos melhores. Alguma coisa assim, pra tipo, dar visibilidade pro mês, aproveitar que é o mês da visibilidade pra essas pessoas. Acho que só uma postagem no Facebook... poxa, até a Riachuelo fez.

SUCIA LA BA SURA

9 Núcleo de Estudo de Diversidade de Gênero e Sexual.

Aconteceu em 19 de Julho de 2019, no quintal de sua casa, em Dourados, entre às 15h às 16h. Sucia tem 27 anos, é formada em licenciatura no curso de Artes Cênicas da UFGD. Fez parte da segunda turma do curso e afirmou sua identidade de pessoa trans/travesti não binária¹⁰ após a conclusão do curso.

¹⁰ Não se identifica inteiramente com nenhum gênero.

Dentro do curso eu já me afirmava como uma pessoa não binária, mas acho que não me entendia como pessoa trans ainda. E essa descoberta né? Da autogestão, da independência, dessa corpa performática travesti/gênera, de várias pessoas ali experimentando coisas.

E daí eu tentei também fazer o bacharelado, que foi alguma construção outra também, que foi isso também da exposição do meu cu pra todo mundo, mais do que já estava (risos) e... mas eu fui aconselhada pela minha orientadora a não entregar o TCC escrito.

A relação da performance, o que era performance, se aquilo que eu estava fazendo era performance ou não, e como eles avaliariam aquilo e... era uma construção fora das normas, das regras porque, enfim, por questão da faculdade estar em construção.

Eu acredito que foi um período de descoberta independente, cheia de deboche (risos). E tentando intransigir coisas que pra mim não cabiam assim, mas que, sei lá, eu vejo que também não era nada. E... não sei, acredito que tive muitos não apoios também porque, tipo, tá legal de tá ali, ok né? Mas tinham pessoas que iam pra cima pra não apoiar.

E eu acho que essa é uma discussão de corpa que, dentro de uma universidade de Artes Cênicas não tem que ter né? Tipo “pagar peitinho” não péra aí, se a pessoa tá experimentando a corpa e quer... não sei, não entendo essa lógica. Inclusive fico me questionando com essa relação de descoberta com a corpa e como as pessoas reagem de maneira repelente a não presenciar essa forma, tipo, como criar uma forma com que você se constranja para que você não repita aquelas ações né?

Era porque eu tava fazendo várias coisas, apresentações e relações dentro da universidade pelada né? A minha descoberta, e dentro daquelas minhas afirmações também eu acredito que eu era outra corpa, sei lá, sou uma pessoa branca e tava lá com uma apresentação cisgênera, por mais que bicha, pelada... ainda é uma representatividade que..., que eu acho que eu reconfiguraria assim (risos), (...) tinha dado um problema no bloco B, porque tinham tirado a placa do banheiro, tipo Ele/Ela, arrancaram e não colocaram nada. E daí o diretor do bloco foi lá e colocou uma placa e um desenho e puniu todas as pessoas que fizeram isso. Daí a segunda performance foi

dentro desse bloco, eu ficava tomando tereré, me maquiando ali e usando o banheiro feminino e masculino, e me montando. Nisso eu conheci uma trava que fazia psicologia, mas ela falou pra mim que não se sentia confortável de usar o banheiro feminino. E ela montadíssima, belíssima, plena... e eu toda abusada, barbuda, só com meu vestidinho... porque não é isso que faz a diferença, enfim, não a veste ou a forma com que a pessoa se apresenta mas como eu me senti naquele momento assim, de “porra mana, vamos ocupar o que é nosso!” Tipo, chega de passar por vários vacilos assim, com os ocós nos banheiros, porque é peso assim, tipo, não é agradável, confortável. Não é sempre que a gente tem força pra ficar enfrentando... Isso sempre foi uma questão né? E daí como eu resolvia as questões lógicas das pessoas: com performance (risos).

Eu entrei no curso evangélicuíssima, daí tive uma namorada, daí tipo, virei toda bichíssima, e comecei a me montar, estudar gênero, então comecei, sei lá... experimentar a minha corporalidade, experimentar coisas aí. Acho que médio sem saber o que eu tava fazendo mas, só falando de travesti, só pensando em travesti, só investigando coisa de travesti. Acho que essa foi minha descoberta e minha passagem por aí. E quanto talvez isso sim o curso me proporcionou mas que, só minha vivência com pessoas trans, em outras relações eu fui poder ter né?

Eu acredito que a universidade fechando o espaço para pessoas trans ou fechando espaço pra pessoas trans se afirmarem trans, impossibilita esse contato e esse crescimento desse pensamento trans dentro da universidade de ocupação né? A gente precisa ocupar, porque não querem deixar.

Eu já tive várias ameaças assim, ameaças simbólicas. Tipo “o que que você tá fazendo aqui? Por que você não vai embora agora, é um pouco perigoso você estar aqui agora” de professores, estudantes... Mas tipo, nos corredores, de chegar e apontar o dedo “o que que você tá pensando, quem você é? Você vai se ferrar ainda”.

Eu recebi apoio de uma professora substituta no sentido de credibilidade nas coisas que eu estava fazendo, acho que era importante. Eu já estava no quarto ano de não apoios dos professores, não fazia parte dos

projetos deles então tinha que conseguir luz de forma independente, sei lá, tinha que fazer outros rolês dentro disso.

Acho que estar na arte foi muito importante de estar nesse meio e desfrutar desse privilégio. Porque quem pode estar discutindo os rolês de arte, é um privilégio muito grande assim, de tá nesse meio e circulando dentro desses espaços e podendo ter esses pensamentos de criticidades e de possibilidades de pensar que existe um ócio criativo.

Eu tinha alguns colegas e pessoas apoiadoras também de vários cursos assim. Eu acho que tinha muito deboche, tinha muita tiração de sarro, questionamentos da minha existência dentro dos espaços, que eu ocupava. Mas sim, tinha colegas de outros cursos, dependendo do curso, tipo medicina, direito... eram outras relações.

Hoje eu percebo que, o quanto isso foi importante pra me dar de olhar na vida de hoje em dia. Tipo, olhar periférico... quando você tá performando você vê tanto, depois que você abre o olhar periférico que a cena e a performance me proporcionou. De criação de autodefesa, de saber quem tá te olhando, quais são as saídas.

Eu acho que eles precisam conviver com pessoas trans e não binárias, e convivendo acho que é abrir o espaço pra que essas pessoas estejam ocupando outros espaços, porque eu acredito que quando a gente abre a vida pra pessoas trans, qualquer relação na vida, a gente tá abrindo opções de novos conhecimentos pra nossa vida.

Banheiro é banheiro né? O que não tem que ter dentro do banheiro é assédio, e não tem que ter pra ninguém. Mas daí como se construir isso é um pouco mais difícil né? São relações sociais e estruturais. Então eu acredito que é uma forma, que possibilitando banheiros que não têm gênero, acho que é importante. Ou dizer o quão importante é o consentimento e o não assédio dentro daquele espaço.

Não foi outra coisa senão um privilégio, uma relação de privilégio. Acho importante reconhecer isso, porque são poucas as outras pessoas que podem estar ocupando isso sem uma ajuda, senão do Estado né? Porque os apoios dentro da universidade, eu acredito, que não foram tantos, apesar dos amigos e das relações afetivas que construí fora.

Eu acho que foi muito bafo eu me afirmar trans e ver que dentro da universidade tem outras pessoas trans, porque na época em que eu não me via dessa forma e não via outras pessoas dessa forma. Hoje eu vejo que eu que não era a única. Isso eu fico muito feliz, né?

GISELE LEMARCHAL

Aconteceu em 23 de Julho de 2019, via internet, entre às 15h e 16hs. Gisele tem 20 anos, mora atualmente em Parapuã – SP. Coursou até o segundo ano de Artes Cênicas e trancou, avalia retomar o curso, na UFGD ou em outra instituição.

Entreí na universidade me reconhecendo como homem cis, no começo hétero... passei por alguns momentos de reconhecimento, me entendi já, como homem gay depois de um certo período, e aí fui me descobrindo e me entendendo até que chegou, no ano de 2018, em que a gente participou de uma disciplina que o professor lançou alguns poemas e aí eu acabei escolhendo A Lenda da Prostituta Evelyn Roe, de Bertold Brecht... foi um poema no qual eu me identifiquei e entendi que precisava falar sobre esse assunto, sabe? É óbvio que eu não me entendia enquanto uma mulher trans, nessa época, eu só queria muito falar sobre esse assunto, tendo em vista de que a gente não falava sobre questões trans e travestis, pelo menos não na minha sala, pelo menos não na época em que eu criei essa cena. E não na cidade que a gente tava né, que era Dourados. Então eu quis trazer esse tipo de reflexão pra que a gente pudesse olhar de uma outra forma pra pessoas trans e travestis, que não fosse só esse olhar de dó, de misericórdia, um olhar de repugnação, de nojo sabe?

E aí esse processo foi um divisor de águas, eu comecei me aprofundar. Eu comecei a pesquisar mais sobre pessoas trans e travestis. Então essas questões foram sendo pertinentes na minha cabeça, mas nada que eu pudesse parar e falar “Poxa, será que sou travesti? Será que sou um traveção?”.

Daí começou o projetão¹¹, e foi a partir desse processo que eu entendi, e que comecei a ter questões mais profundas sobre quem eu era, e o que eu queria. Nesse espetáculo a gente falava muito sobre empoderamento, sobre se sentir livre, e sobre se sentir bem consigo mesma, com seu corpo, com o seu cabelo e etc. E foi a partir desse processo que eu comecei a me aprofundar em questões mais pessoais, em questões em que eu me olhava no espelho e falava, “poxa, talvez eu seja uma mulher trans, talvez eu realmente me entenda”. Era assim, tipo, eu sei que eu sou uma travesti, eu sei que eu sou um traveção da porra, mas eu não aceito isso, eu não quero aceitar. Porque eu sentia, e sinto muito hoje que no nosso imaginário social, as travestis ocupam um lugar de derrota, de nojo, de um lugar que as pessoas não querem estar, as pessoas não querem ter relação, as pessoas não querem conversar, sabe? Durante esse processo eu me sentia muito bem acolhida e muito bem amparada dentro do NAC, me sentia muito bem amparada pelos meus amigos de sala, pelos professores, os técnicos ali do NAC também. Sentia que muitas pessoas ali estavam pela minha luta, estavam comigo na luta. Na luta eu digo, no sentido de abrir portas e no sentido de abrir novas reflexões.

E eu acho que foi um processo muito natural que, ao mesmo tempo em que eu comecei a assumir todas essas coisas que me incomodavam, essas coisas que eu sentia que incomodavam também o outro, eu comecei a me entender e a falar “Pô, péra aí, tipo, incomoda o outro por que? E me incomoda por que? Em que sentido?” Eu comecei a me questionar nessas questões e a me aceitar melhor, a me entender melhor, a entender mais o meu corpo. Como eu queria ser, principalmente com quem eu queria estar.

Antes de trazer essa reflexão sobre... de que a gente não precisa transformar, e passar por esses processos que fazem uma automutilação do corpo, eu tinha essa culpa, de que pra eu ser, pra me entender e ser uma mulher trans eu precisava ter peito, precisava ter vagina, precisava ter o cabelo longo... sabe? Todos esses signos ditos femininos pela sociedade.

11 Nome que se costuma chamar o componente curricular Encenação II, no qual é realizado a montagem de um espetáculo teatral com toda a turma. O processo do qual Gisele participou foi ministrado por mim e levou o nome *Esse lugar está ocupado?*

Então isso pra mim era lido como uma mulher, então era o que tava no meu imaginário como mulher. E é bem trazendo essa reflexão de uma mulher trans, e também eu associei com a história de vida da Linn¹², então trazendo todas essas perspectivas, eu juntei e falei “Meu, é isso! Eu não preciso passar por todos esses processos que me mutilam, que abrem mão do meu corpo natural pra me entender como uma mulher trans. Mas eu também entendo que é um processo complicado falar sobre essas questões de mudança de corpo. Por exemplo, falar sobre a questão do soutien, hoje dentro do movimento feminista muitas mulheres lutam para que as minas parem de usar o soutien porque é uma ideia muito machista de que o homem quer sempre que a mulher tenha o peito durinho, o peito pra cima... Mas pra mim é uma realização muito pessoal ter, poder usar um soutien sabe? Mas eu entendo também que não é isso que torna uma mulher... não são essas características.

Eu usava o banheiro feminino quando eu estava com as minhas amigas, mas quando estava sozinha eu usava o masculino, mesmo me sentindo muito incomodada. Mas isso era em qualquer bloco, o único bloco que eu me sentia livre pra usar o banheiro que eu quisesse era no NAC. Mas nos outros eu me sentia muito incomodada e... era um incômodo mais interno, sabe? Tipo “Pô, será que eu tô entrando no banheiro certo? Eu não me entendo como isso e tô entrando nisso. Mas as pessoas estão me olhando dessa forma, então...” Rolava esse tipo de constrangimento. E por isso que eu acho que seja muito importante o banheiro social, as plaquinhas falarem “eu me identifico com tal”.

Eu estava passando por um processo muito difícil, que é de aceitar o meu corpo, então eu participava de disciplinas que eu precisava me expor de uma maneira que eu não queria e que eu não estava pronta pra me expor, sabe? Então eu preferia me ausentar, preferia não fazer a disciplina a ter que passar por esse tipo de experiência que eu não me sentia confortável. Muitas vezes deixei de fazer várias disciplinas por essas questões, principalmente pela questão do corpo que era uma coisa que me incomodava.

12 Linn da Quebrada, cantora transgênera ativista das causas LGBT.

O técnico Bruno Augusto veio falar comigo, a respeito do nome social, que poderia mudar o nome social internamente na UFGD. Pra colocar meu nome como Gisele, pros professores né? Era mais de um regimento interno e o mais legal é que isso sairia no diploma e também na chamada.

A maioria das pessoas entraram ali como cis e a partir desse processo, do curso de Artes Cênicas, elas começaram a se reconhecer como pessoas trans. Então não existe essa política pública de entrada de pessoas trans e travestis, dentro da universidade. Assim como também não existe nenhuma iniciativa de permanência, não existe nenhuma iniciativa de preparo, tanto de remuneração, tanto de apoio psicológico, de apoio físico também né? E de apoio moral.

Iniciativas, por mais que sejam pequenas, elas são muito significativas. Porra, ter um banheiro social dentro do NAC, que antes era uma coisa que não existia. Então eu sinto que falta mais dessas iniciativas pequenas, nos outros blocos por exemplo. Porque não existe só pessoas trans e travestis no curso de Artes Cênicas.

Não é uma coisa que seja exclusiva de um processo que eu vivi dentro do curso de Artes Cênicas. É óbvio que ele me ajudou muito a entender várias coisas, sobre quem eu sou. O teatro é muito importante na minha vida, é por isso que eu não quero parar de fazer nunca, sabe?

REFERÊNCIAS¹³

CANTELLI, Andreia Laís; PEREIRA, Fernanda Ribeiro; OLIVEIRA, Julia Jorge; TOZO, Nicholas Lopes e NOGUEIRA, Sayonara N. B. As Fronteiras da Educação: A Realidade Dxs Estudantes Trans No Brasil. Disponível em <http://observatoriotrans.org>. Acesso em 05/07/2019.

RAGO, Margareth. Epistemologia Feminista, Gênero e História. Revista MASCULINO, FEMININO, PLURAL. Florianópolis: Ed.Mulheres,1998.

¹³ As referências foram utilizadas, essencialmente, para a elaboração das entrevistas.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN, Alides Baptista Junior (org.). Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013.